

Projeto Comunicólogos: educomunicação como prática na pedagogia

Níkolos Guerrero¹; Gabriella Zauith Leite Lopes²

^{1,2} Centro Universitário Barão de Mauá

¹guerreronikolas27@gmail.com (Jornalismo); ²gabriella.lopes@baraodemaua.br

Resumo

Este trabalho buscou analisar o conhecimento e utilização da educomunicação por parte de professores e estudantes de pedagogia, através de uma pesquisa, com *corpus* de 10 indivíduos. Foi observada uma diversidade de relatos de como as chamadas TDICs podem agregar à educação do ser humano, enquanto protagonista de sua própria formação. A educomunicação surge como uma ferramenta auxiliar nas transformações do ambiente escolar.

Introdução

A Educomunicação é um campo da inter-relação comunicação/educação. O termo apareceu publicado pela primeira vez em 1999, na revista “Contato”, em Brasília, para designar um novo campo de intervenção social. A publicação foi resultado de uma pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE-USP), realizada entre 1997 e 1999, que reuniu 176 especialistas de 12 países da América Latina, para identificar “a vigência de uma nova prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social” (SOARES, 2011, p.11). A revista “Comunicação e Educação” (2000) publicou o artigo “Educomunicação: um campo de mediações” para explicar os diferentes componentes do conceito (SOARES, 2011, p.11). Essa inter-relação acontece no processo de transição da Modernidade para a Pós-Modernidade, refletido na concepção de educação e comunicação. O pensador francês Pierre Furter (apud Soares, 2000) associa a educação ao tempo Moderno, que se baseia no “pensamento lógico, seriado, geométrico e basicamente livresco”. Já a instituição denominada comunicação de massa - advento da era Pós-Moderna – consolida um “pensamento fragmentado e uma cultura aleatória,

essencialmente audiovisual, que estaria em alta no imaginário social” (SOARES, 2000, p.14).

Furter (apud Soares, 2000) ainda diz que, “enquanto o mundo da educação se baseia no espaço local (a escola do bairro, da cidade) e num sistema escolar regido por normas, refletindo formas nacionais de poder, o mundo da comunicação de massa não possui território próprio (desterritorializado), sem donos visíveis (controle nas organizações transnacionais), refletindo formas planetárias de poder”. O primeiro se apresenta como um “conjunto de instituições que dependem direta ou indiretamente do Estado, tendendo a ser coerente, organizado, burocrático e hierarquizado, voltando-se a públicos determinados, tendo como missão a sistematização e transmissão de conhecimentos especializados”. O segundo se caracteriza por ser um “conjunto de instituições com vínculos transnacionais, a serviço de públicos abertos, desburocratizado, tendo como conteúdo principal o lazer e um conjunto de mercadorias oferecidas ao consumo” (SOARES, 2000, p. 15).

Soares (2000) aponta em seu artigo, através de filósofo mexicano Fernando Font (apud Soares, 2000), que há um grande erro da Modernidade ao adotar uma visão universalista nas normas sociais e morais, dividir o homem em razão e sensibilidade, obrigando a educação formal optar pela hegemonia da razão.

Para Font (apud Soares, 2000), “é necessário recuperar a sensibilidade, caminhar em direção a uma nova razão capaz de pensar a parcialidade, a individualidade, o pluralismo, e que não aprisione a riqueza da vida nos moldes estreitos de uma conceitualização universalista”. Ele adota o conceito de “*inteligencia sentiente*” (no original, em castelhano): “dada a unicidade do ser humano, a faculdade de apreensão da realidade é operada conjuntamente pela materialidade dos sentidos e pela capacidade de intelecção abstrata do homem” (SOARES, 2000, p. 16).

Ou seja, a razão é o que torna os indivíduos da sociedade como se fossem iguais, através da aplicação de conceitos universais que regem suas vidas. Mas a razão não é a questão principal do indivíduo, nem o que o torna ser humano. Font explica que “o que nos faz pessoas, seres humanos, é estar na realidade e não no uso de conceitos e teorias”. Deveríamos, então, mudar o conceito de humano tradicional de Aristóteles (O homem é um animal racional) e “referir ao homem como o *animal de realidades*” (SOARES, 2000, p. 16).

Seguindo esse conceito, o professor Leandro Méndez Sánchez (apud Soares, 2000), da Universidade Ibero-Americana do México, diz que “a educação necessita rever-se a partir de algumas metas, basicamente para voltadas para valorização do sujeito e da sensibilidade do processo educativo” (SOARES, 2000, p. 16).

Resumidamente, o educador Ismar de Oliveira Soares (2011), em seu livro “*Educomunicação: o conceito o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*” propõe que a educação deve fazer sentido para o jovem, que seja de acordo com a sua realidade (social, econômica e cultural), que reúna profissionais qualificados e que a escola faça parte de um sistema educacional de forma integral.

O ensino e as TDICs

Nas últimas duas décadas foi possível observar uma mudança no comportamento da sociedade, graças às transformações tecnológicas. As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) são mediadoras dessas transformações. Segundo Almeida e Valente (2011), as TDICs “introduzem novos modos de comunicação, permitem a expressão do pensamento pelas modalidades como as da escrita (linear, sequencial) e da imagem (simultaneidade, espacialidade)”.

Assim como na sociedade, “no campo da educação, as práticas tiveram que adaptar e se atualizar, inicialmente nas instâncias administrativas e posteriormente nas atividades educativas, com a implantação de informática de uso coletivo, e, na sequência, de salas de aula com recursos audiovisuais, como aparelhos de televisão, reprodutores de mídias, projetores e,

até mesmo, lousas digitais e computadores” (FONFOCA; SCHONINGER; DA COSTA, 2018).

“Independente do discurso do investimento financeiro para equipar as escolas públicas ou particulares, o notável é que o uso de recursos tecnológicos na educação ainda é uma questão em desenvolvimento e, apesar das diversas capacitações, a maioria dos professores ainda não abraçou o uso das TDICs em sua prática pedagógica, sendo este tema ainda um ponto de divergência entre os educadores” (FONFOCA; SCHONINGER; DA COSTA, 2018).

Neste último ano, podemos ver um exemplo de como é necessária a presença das TDICs no campo da educação, como também a capacitação dos educadores para implantar uma metodologia nova na sala de aula, para que o aluno participe do processo de educação junto ao mundo que o rodeia.

Com a chegada da pandemia de covid-19 – em meados de março de 2020 – exigiu que educadores se adaptassem a uma nova realidade de ensino no Brasil e no mundo. As escolas foram paralisadas, como medida de segurança sanitária, as aulas migraram para plataformas de aula remota.

A paralisação surpreendeu professores e alunos. Muitos educadores tiveram dificuldade em apreender a utilizar as novas ferramentas e a adotar um novo formato em suas aulas, além de ter que se adaptar à nova rotina em casa.

Os alunos também enfrentam seus desafios. Um deles está em manter a rotina de estudos, pelas distrações que possuem em casa. Ademais, há a preocupação com o acesso à internet que é limitado para alguns alunos, principalmente de baixa renda.

Segundo dados do estudo “Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia”, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (2020), cerca de seis milhões de estudantes, desde a pré-escola até a pós-graduação, não possuem internet banda larga ou 3G/4G em casa e não conseguem participar do ensino remoto.

Por outro lado, o ensino remoto também possui vantagens. Há a possibilidade de o professor abordar uma diversidade maior de conteúdos e aprender novas tecnologias. Os alunos têm a possibilidade de lerem mais e buscar respostas para as suas questões, como o formato exige.

Mesmo a educomunicação ser uma metodologia de aplicação das TDICs no ensino, ela não deve ser reduzida a isso. Ela possui condição de campo de intervenção social. Por isso, traz atualidade e questionamento da sociedade como um todo para dentro do ambiente escolar.

E isso é o que os jovens estão em busca: de novas propostas para a sua formação e que, para apostarem no estudo, desejam uma escola que responda aos seus anseios e ofereça novos elementos ante as suas vivências. É o que revela a pesquisa da ONG Ação Educativa, de São Paulo, denominada “Que Ensino Médio Queremos?”. “A expectativa do jovem de que a escola o ajude a ‘aprender a querer aprender’. Quando perguntados se estão interessados no aprendizado, 59% respondem que ‘às vezes’, e 28% acreditam que ‘raramente’. Em outras palavras, não mais que 13% dizem ser envolvidos com o ensino que lhes é oferecido (SOARES, 2011).

Objetivo

O projeto buscou analisar o conhecimento sobre educomunicação de professores e estudantes de pedagogia. Os temas tratados envolvem: o que estudaram sobre o assunto na universidade e se já aplicaram a metodologia em sala de aula, Como também ampliar os horizontes acerca do campo de estudos da educomunicação e mostrar como esses profissionais podem usá-la em favor da aprendizagem.

Materiais e Métodos

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem quanti-qualitativa (GIL, 2002). O procedimento utilizado é a pesquisa bibliográfica e a realização de questionários online para coleta de dados com profissionais formados e em formação da área da educação, discentes do ensino infantil ao ensino superior. O tema abordado foi sobre o conhecimento que os profissionais têm acerca da educomunicação.

A pesquisa foi aplicada através de um formulário do Google, contendo 10 perguntas de múltipla escolha e 11 perguntas discursivas. O questionário foi disponibilizado em dois grupos: o primeiro para o público em geral na rede social e o segundo constituído de professores de duas instituições de ensino.

A pesquisa foi compartilhada em redes sociais e enviada a grupos de professores de uma escola de ensino fundamental, de Ribeirão Preto - SP, e de professores de uma associação comunitária, também de Ribeirão Preto – SP, que funciona como cursinho pré-vestibular. A pesquisa ficou disponível na plataforma digital do dia 05 de novembro a 21 de novembro de 2021.

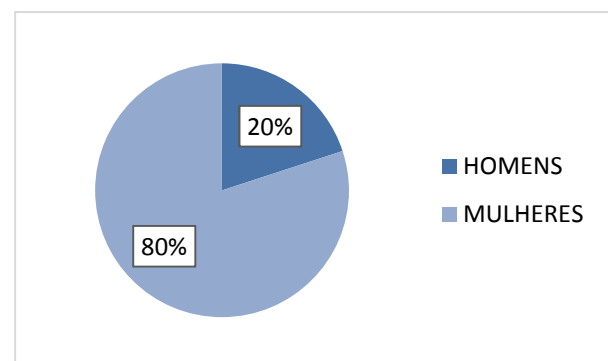
Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica com livros e artigos sobre educomunicação, de autores como Ismar de Oliveira Soares (2011).

Resultados

Participaram da pesquisa 10 pessoas com as seguintes características, indicadas pelo gênero (Gráfico 1), idade (Gráfico 2), nível profissional e formação (Gráfico 3), formação acadêmica (Gráfico 4), universidades em que se formaram (Gráfico 5), tempo de atuação na docência (Gráfico 6) e grau de ensino na atuação docente (Gráfico 7).

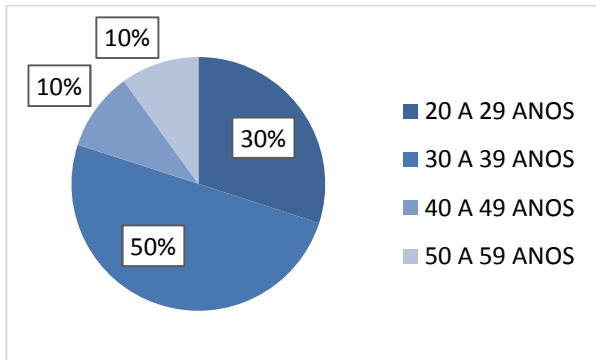
A maioria dos entrevistados tem o gênero feminino (Gráfico 1), com idade entre 30 a 39 anos (Gráfico 2) e profissionais formados, atuantes na educação (Gráfico 3). A pedagogia é o curso predominante (Gráfico 4), correspondente à 50% do grupo (se incluirmos a pessoa que cursou pedagogia e administração escolar).

Gráfico 1 – Gênero das pessoas pesquisadas



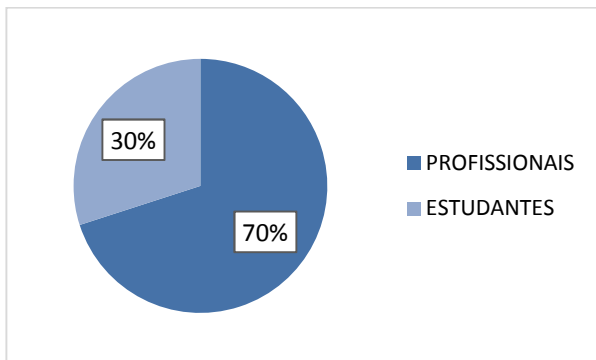
Fonte: elaboração própria

Gráfico 2 – Idade das pessoas pesquisadas



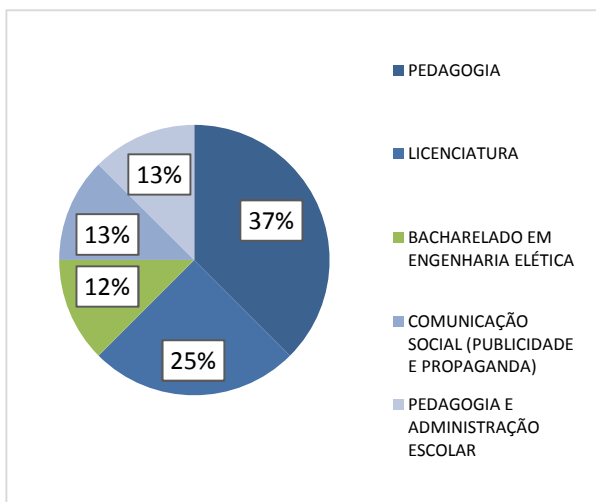
Fonte: elaboração própria

Gráfico 3 – Nível de profissional das pessoas pesquisadas



Fonte: elaboração própria

Gráfico 4 – Formação acadêmica

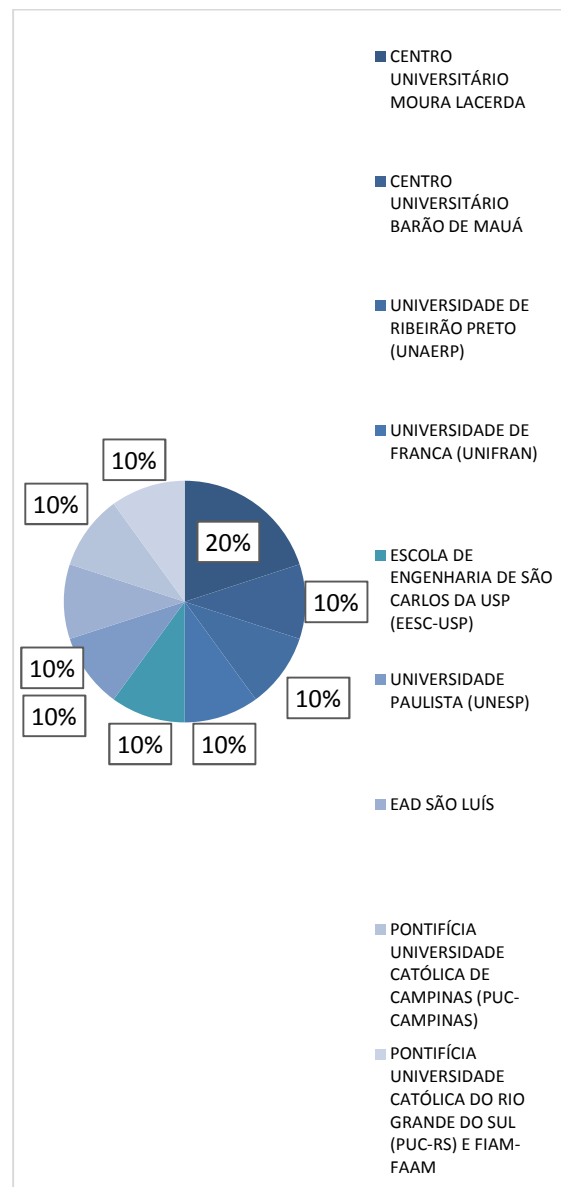


Fonte: elaboração própria

No Gráfico 5, observa-se que 80% dos educadores cursaram em faculdades particulares e 20% em faculdades públicas.

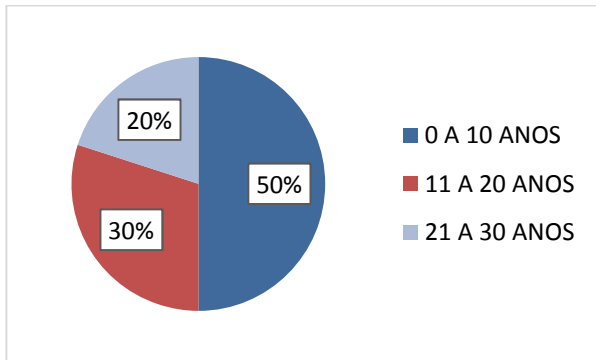
Sobre a atuação, a maioria das pessoas pesquisadas possui de 0 a 10 anos de carreira (Gráfico 6), incluindo o tempo de estágio, sendo ensino infantil o nível de ensino majoritário na atuação docente (Gráfico 7).

Gráfico 5 – Universidades de formação



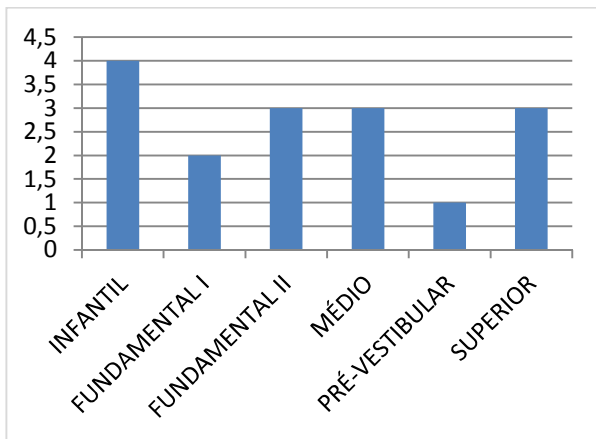
Fonte: elaboração própria

Gráfico 6 - Tempo de atuação na docência



Fonte: elaboração própria

Gráfico 7 – Grau de ensino na atuação docente



Fonte: elaboração própria

Aplicação da Educomunicação

Nas questões discursivas, sobre o conhecimento e aplicação da Educomunicação em sala de aula, 4 já ouviram falar, 2 já ouviram falar e já praticaram ou praticaram, 1 conhece e estudou sobre, 1 não ouviu falar, mas já praticou ou pratica e 1 nunca ouviu falar sobre. Apenas 1 das pessoas entrevistadas disse ter cursado alguma disciplina relacionada à Educomunicação na faculdade.

Dentre as formas de aplicação da Educomunicação em sala de aula estão: produção de vídeos, utilização da plataforma Google para visualização da teoria aplicada na aula e aplicação em curso online.

Sobre acompanhar canais de educação no *YouTube* ou em outras plataformas, 7 pessoas disseram que acompanham e 3 disseram que não acompanham. Os canais citados foram (em ordem alfabética): *Buenas Ideias*, Canal Futura, Casa do Saber, Ciência todo dia, História Online,

Leitura Obrigatória, Manual do Mundo, Nerdologia, Professora Lucia Helena e Tese Onze. Um dos entrevistados, em resposta a pergunta sobre quais canais que acompanha, disse que são os voltados para a educação infantil, de contação de histórias, os que trazem propostas de atividades, temas de neurociência, pedagogia, psicologia, educação, literatura, idiomas, teologia e entretenimento.

Perguntados sobre “o que é mídia”, 5 dos entrevistados responderam à pergunta de forma genérica e/ou superficial, e outros 5 demonstraram ter conhecimento sobre mídia. Entre as respostas sobre a importância do conhecimento sobre a mídia, o que foi destacado, na maioria delas, foi a importância de se ter informação e de se comunicar através dos meios midiáticos para ter conhecimento sobre o mundo.

Sobre o atual sistema de ensino, todas as pessoas que responderam à pesquisa apontam algo que deve ser melhorado, como também indicam as diferenças entre a escola pública e a privada. Destacam-se entre as propostas de melhoria: a valorização do aluno, tornando-o protagonista de sua própria formação e a melhora na formação do profissional de educação, como também o seu reconhecimento. Chamou também a atenção a resposta, “seria necessário uma política pública séria que discutisse o fim do vestibular, que divide a educação para ricos e pobres”.

A última questão abordada na pesquisa foi a da inserção das tecnologias digitais na grade curricular (TDICs): 7 pessoas disseram ser a favor, 1 disse ser a favor, porém é uma questão complicada pois não são todos os educadores que tem facilidade em lidar com as tecnologias digitais, e 2 disseram ser contra. O principal argumento a favor é que as tecnologias digitais estão inseridas tanto na sociedade como um todo, quanto no mercado de trabalho. Um dos professores disse ser contra, e argumenta que as tecnologias trazem distração. Outro professor relatou que há muitas matérias já inseridas na grade e que o contato com as tecnologias digitais deve acontecer somente no meio social.

Projeto Comunicólogos

O Canal Comunicólogos é um projeto de educomunicação, desenvolvido por três alunos do curso “Comunicação Social – Habilitação em

Jornalismo” do Centro Universitário Barão de Mauá, de Ribeirão Preto. Amarildo Pizzi, Luíza Araujo e Nícolas Guerrero produzem vídeos em um canal no *Youtube* e post no *Instagram*, mostrando conceitos de comunicação como técnicas jornalísticas que podem ser aplicadas na educação.

O projeto partiu da disciplina “Edumídia”, ministrada pela Prof^a Dr^a Gabriella Zauith Leite Lopes, em 2019, como aplicação das teorias ensinadas em sala de aula. A nomenclatura partiu de uma fala de um dos professores da universidade e sociólogo Wlaumir Souza: todos os que estudam ou trabalham com comunicação são chamados de comunicólogos e comunicólogas.

As duas plataformas digitais (*YouTube* e *Instagram*) foram escolhidas por serem democráticas, no envio de conteúdos pela internet, e por terem um grande alcance, pela facilidade do acesso.

Após a conclusão da disciplina, observou-se que o projeto poderia ser promissor no âmbito educacional. Então, Pizzi, Araujo e Guerrero continuaram a desenvolver conteúdos nas plataformas digitais, e permanecem até a atualidade.

Hoje, o principal foco do Projeto Comunicólogos é apresentar a alunos e professores dos ensinos fundamental, médio e superior, das redes públicas e privadas, a educação como agente transformador, dentro e fora do ambiente escolar, e como ferramenta que torna o aluno protagonista da sua própria formação.

Sua principal linha editorial continua sendo o jornalismo e suas técnicas aplicadas à educação, mas o projeto também oferece prestação de serviço aos seguidores, em publicações sobre campanhas de doação de alimento, sangue e agasalho, e sobre as etapas da vacinação contra a Covid-19, em Ribeirão Preto.

Discussão

Analisando a pesquisa realizada, podemos ver que há um consenso de que a sistema atual de ensino necessita de mudanças. A educação necessita abrir possibilidades para um olhar mais sensível. Cada aluno possui sua unicidade. Sua percepção de mundo individual deve ser considerada no fazer educativo. Entender que há realidades diferentes é crucial para uma

transformação na educação. Apesar de o abismo que separa a qualidade do ensino público e do privado, essa racionalidade é um problema que afeta os dois universos, em especial no acesso à tecnologia.

As mudanças que as TDICs provocam na sociedade merecem atenção. As informações ganham velocidade à medida que a tecnologia avança, e a educação deve andar na mesma velocidade, pela questão de estar pareado com a realidade que a cerca.

O que falta na escola, os jovens buscam em outros espaços? É o questionamento de Soares (2012). Quando não há uma educação em relação às TDICs, crianças e adolescentes ficam expostos aos conteúdos disponíveis nas redes, sem que haja filtro algum. Apesar de haver contradições na inserção das TDICs nas escolas, por parte dos educadores, a tecnologia acaba encontrando caminhos para estar presente nelas. Como foi mostrado na pesquisa, apesar de a maioria dos entrevistados não terem contato direto com a educação, a maioria já utilizou pelo menos um de seus métodos na aplicação de suas aulas. Isso foi intensificado na pandemia, pois os educadores tiveram que fazer uso das TDICs para transmitir as aulas.

A educação surge como uma oportunidade para que a educação faça sentido para os jovens, que os envolva no fazer educativo por meio da mídia e das tecnologias, como forma de favorecer a aprendizagem crítica e cidadã. Ou seja, ela pode auxiliar educadores a como inserir esse mundo das TDICs dentro do ambiente escolar. Exemplos de aplicação são: rádio-escola, produção de jornais murais, produção de vídeos, rodas de conversa, análise de filmes, análise crítica da mídia, dentre outros.

Conclusão

A comunicação é a base da interação do ser humano. A educação faz a ponte para que esse conhecimento chegue até a escola. Por isso, é interessante a inclusão da matéria de educação nos cursos de pedagogia e licenciatura. Por meio de projetos que auxiliem os professores na sala de aula e que ajudem os alunos a buscarem sua autonomia. A exemplo do Projeto Comunicólogos, que se inseriu onde no ambiente onde os jovens estão: na web. Ou seja, utiliza as TDICs ao seu favor para transmitir

conteúdos educativos a esse nicho. Tornando-o, mais interessante.

A educomunicação pode ser uma ferramenta auxiliar nas transformações do ambiente escolar. Ela não age como fórmula mágica, que traz resolução a todos os problemas. Cada caso deve ser estudado individualmente, para entender como essa ferramenta pode agregar nesse meio. São muitas as questões que envolvem o fazer educativo. Assim como cada aluno tem sua unicidade, personalidade e percepção de mundo, cada educador e instituição de ensino tem sua característica própria e suas limitações. À medida que as discussões acerca das TDICs avançam na sociedade, poderemos vê-las com mais frequência nos espaços do ambiente educativo por meio de projetos e ações que colaborem com o pleno desenvolvimento e visão crítica dos alunos. Portanto, essa pesquisa requer uma continuidade para os futuros novos dados possam surgir.

Referências

FOFONCA, Eduardo; SCHONINGER, Raquel R. Z. Valduga; DA COSTA, Carmen Sílvia. **A mediação tecnológica e pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem:** contribuições das dimensões da Educomunicação. Revista Tempos e Espaços em Educação. p. 267-277, jan. de 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/322612136_A_Mediacao_Tecnologica_e_Pedagogica_em_Ambientes_Virtuais_de_Aprendizagem_contribuicoes_das_dimensoes_da_Educomunicacao.

Acesso em: 15 fev 2021.

FRANCO, Giullya. **Coronavírus: professores falam dos desafios e vantagens de trabalhar em casa.** Canal do Educador, Brasil Escola. [s.d]. Disponível em:

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/noticias/coronavirus-professores-falam-dos-desafios-e-vantagens-de-trabalhar-em-casa/33270.html>.

Acesso em: 15 fev 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

LUZ, Solimar. **Seis milhões de estudantes não têm acesso à internet em casa.** Radioagência Nacional. Rio de Janeiro. 02 de set. de 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2020-09/seis-milhoes-de-estudantes-nao-tem-acesso-internet-em-casa> .

Acesso em: 15 fev 2021.

NASCIMENTO, Paulo Meyer; RAMOS, Daniela Lima; DE MELO, Adriana Almeida Sales; CASTIONI, Remi. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ago. de 2020. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36561&Itemid=9 .

Acesso em: 15 fev 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: Contribuições para a reforma de Ensino Médio.** Editora Paulinas. São Paulo, 2011. Acesso em: 15 fev 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações.** Comunicação Educação, [S. l.], n. 19, p. 12-24, 2000. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 15 fev 2021.